

# O estilo do escritor Sigmund Freud: um passeio por Totem e Tabu

Helena Kon Rosenfeld

Uma viagem pelo texto de Freud revela uma escrita com movimento, que se desloca continuamente entre diferentes níveis de tempo e de espaço.

*"Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra..."*

Clarice Lispector

**L**eu os textos de Freud já há alguns anos e a sensação que tenho é de sempre ser capturada. O texto freudiano ora é belo e agradável de ler, ora é difícil e intrigante. De qualquer modo, é sempre convidativo e estimulante, uma viagem para a qual me sinto levada por Freud. São textos construídos com muito talento e inteligência, textos especiais, únicos, e diferentes dos escritos em outras áreas de conhecimento e mesmo na própria Psicanálise.

Freud tem um estilo próprio de escrita e não foi à toa que o único prêmio que recebeu em vida foi o Prêmio Goethe, em 1930, por seu trabalho como cientista e escritor. Esse aspecto nunca passou despercebido pelos leitores de Freud, mesmo porque é impossível ficar indiferente ao encanto do seu texto, mas penso que é um aspecto pouco comentado e aprofundado.

Ao ler *Totem e Tabu* fui novamente seduzida pelo mo-

do com que Freud escreve. A partir do contato que tive com o trabalho de alguns estudiosos<sup>(4,6,7,9)</sup> que se ocupam especificamente com o estilo narrativo de Freud, surgiu em mim o desejo de fazer uma análise de *Totem e Tabu* desse ponto de vista.

De início farei uma apresentação geral sobre o estilo de Freud e depois tomarei o texto de *Totem e Tabu* em particular.

É impossível começar a falar de um tema como este, em que o uso da palavra é central, sem tocar na questão da tradução. Freud escreveu em alemão e eu leio a tradução espanhola da Editora Biblioteca Nueva. Muitos lêem a edição em português da Editora Imago, traduzi-

**Helena Kon Rosenfeld** — psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.



da da versão inglesa feita por James Strachey. Mesmo numa tradução bem feita, muito do estilo original do autor pode se perder. Se a tradução distorce intencionalmente o tom do escritor (como foi feito por Strachey, que usou termos emprestados de línguas mortas em vez das palavras de uso cotidiano empregadas por Freud) ou se é feita com absoluta incompetência — (como a tradução em português) —, o estilo fica em parte descaracterizado. Marilene Carone escreveu uma série de artigos em que denunciou essas traduções “selvagens” e desvendou o aspecto ideológico contido nelas. Não conheço nenhum estudo crítico sistematizado sobre a tradução espanhola, mas parece que ela também tem graves defeitos <sup>(1)</sup>.

Assim, é preciso ter em mente que alguns traços do estilo de escrita de Freud apontados pelos estudiosos que leram o original alemão não aparecem nas traduções. No entanto, o estilo freudiano é tão marcante que muito dele sobreviveu à tradução pode ser usufruído por nós.

I. Freud escreveu muito ao longo de sua vida, tendo produzido cartas, relatos de casos clínicos, verbetes para enciclopédias, conferências — de iniciação à psicanálise, prefácios para livros de outros autores, — ensaios de Neurologia, estudos teóricos especializados, etc. Escrevia desde a adolescência e sempre que tinha tempo: à noite, aos domingos, nas férias. Seus manuscritos quase não apresentam rasuras ou alterações, o texto era construído com fluidez. Freud lia muito e era profundo conhecedor das culturas alemã e clássica. Traduziu diversos livros do inglês e francês, o que disciplinou seu ouvido para a percepção das sutilezas que envolvem o uso da palavra. Para Peter Gay, tais fatores, aliados à sua memória prodigiosa, contribuíram para a beleza e excelência de seus escritos <sup>(4)</sup>.

Em Freud, o ato de escrever era sobredeterminado. Ele escrevia em virtude de necessidades e modificações vindas de diferentes esferas de sua vida pública e privada. Acima de tudo o ato de expressar-se através da escrita satisfazia uma necessidade interior, e sua capacidade para escre-

ver oscilava de acordo com seu estado de espírito. Suas cartas estão repletas de referências acerca de sua relação com a escrita: dizia que às vezes sentia uma verdadeira compulsão para escrever, percebia-se mais criativo quando estava angustiado e notava que quando escrevia ficava mais relaxado, como se tivesse tomado um sedativo. Escrevia também para atingir insight: descobria muitas coisas ao escrever e muitas vezes começava uma frase sem saber como ela terminaria. Grande parte de sua auto-análise foi realizada através do ato de escrever sobre suas vivências pessoais. Não gostava de escrever sob encomenda, por-

**E**m Freud,  
o ato de escrever  
satisfazia uma  
necessidade interior  
e sua capacidade  
para escrever oscilava  
com seu estado  
de espírito

que nesse caso faltava motivação interior, indispensável a ele. Mahony traz a hipótese de que escrever era tão imperativo por ser um momento de atividade que servia para equilibrar as longas horas em que ficava passivamente ouvindo seus pacientes <sup>(6)</sup>. E ainda, “last but not least”, Freud escrevia porque precisava comunicar as teorias que estava desenvolvendo e para convencer e atrair adeptos, pois sabia que suas descobertas não seriam aceitas facilmente. Estas determinações tornam o discurso freudiano, na concepção de Mahony, uma combinação especial de processo primário e processo secundário, em que aspectos

intelectuais e inconscientes têm uma participação complementar.

Simples, vigoroso, preciso, belo, poético, claro, informal, espontâneo são alguns dos adjetivos usados pelos comentadores para qualificar o estilo de escrita de Freud. Mahony afirma que Freud o pensador está indissociado do escritor: ele pensa através e na língua. Ama, trabalha e brinca com a palavra.

Nos textos aparece aquilo que Mahony chama de “pensamento pensante”: as idéias vão sendo descobertas e pensadas na medida em que são escritas. O leitor pode acompanhar passo a passo o caminho seguido pelo escritor em suas reflexões. Os verbos estão no tempo presente, a teoria está sendo construída agora e tem frescor e vitalidade.

A leitura traz prazer e aprendizado; a apreensão do texto nunca é puramente intelectual e a experiência se dá a nível consciente e inconsciente.

Muitos textos são escritos na primeira pessoa (“eu”) e estão repletos de experiências, sonhos, lembranças, opiniões, dúvidas e temores do próprio escritor. Freud é o personagem principal do texto, comparecendo com sua personalidade marcante e favorecendo uma forte transferência do leitor em relação a ele. O uso freqüente dos pronomes “você” e “nós” (eu + você) cria um clima de diálogo e intimidade em que escritor e leitor são companheiros e cúmplices, compartilhando sentimentos e questionamentos.

Se Freud é personagem principal do texto, o leitor é o coadjuvante mais importante. Mahony comenta que o estilo freudiano é essencialmente diádico: exige a participação do leitor para construir, reconstruir e desconstruir o texto. Além disso, Freud precisa que suas idéias sejam aceitas e lança mão de vários recursos para seduzir e capturar o leitor. Dirige-se diretamente a ele e preocupa-se em colocar as coisas de modo inteligível. Peter Gay nota que na concepção de Freud seu leitor é inteligente, compreensivo, mas pouco informado; compartilha a mesma cultura literária e os mesmos valores morais que ele. Tem empatia com o leitor, sabe exatamente as reações que seu texto pode provocar e freqüentemente antecipa,



exprime e desfaz a dúvida que aquele pode ter, ou desarma possíveis objeções. Muitas vezes interpreta as resistências afetivas do leitor em relação à Psicanálise na tentativa de dissolvê-las. Outras vezes trata o leitor como se fosse um paciente e aplica nele suas descobertas psicanalíticas. Ainda para prender o leitor e mexer com suas emoções, Freud usa o suspense semelhante ao das histórias policiais. Freud estimula o leitor, provoca nele pensamentos e sentimentos, dúvidas, necessidades e desejos. Não é sem razão que Mahony diz que Freud controla seu leitor e sugere que os estudiosos de sua obra devem analisar suas transferências em relação a ele, aos inimigos e aliados que ele descreve, aos seus pacientes e também à imagem de leitor que ele constrói.

Freud é autocrítico e auto-irônico. Apresenta-se como explorador e frequentemente admite que seu conhecimento atual é incompleto e sujeito a modificações. Tal humildade produz a sensação de franqueza e autenticidade e não deixa de ser um gancho a mais para atrair o leitor. Mahony afirma que a influência de um texto é determinada não pela força dos argumentos, mas pelo seu tom afetivo: o tom de humildade, seriedade, propriedade, verdade e dignidade permeia todos os textos de Freud e conquista seus leitores. Também o humor, recurso muitas vezes utilizado por ele, descontraí e o aproxima de seu leitor.

Freud não gostava de definições rígidas e constritivas. Tinha alta tolerância para a inconsistência e a incerteza. Muitos de seus enunciados são intencionalmente alusivos e ambíguos, características que se perderam, segundo Marilene Carone, nas traduções que tentaram mostrar a Psicanálise como uma ciência o mais exata possível. Usava termos do dia-a-dia, palavras simples que eram próximas à experiência emocional dos leitores. A mesma linguagem era usada para falar dos pacientes, dos leitores e de si próprio, do normal e do patológico. A tradução de Strachey deformou essa característica, introduzindo termos técnicos distantes da experiência, trazidos das línguas clássicas mortas (ego e id no lugar de eu e isso, por exemplo).

Há certas características do estilo de Freud que se perdem na tradução não devido à incompetência, e sim a particularidades da língua alemã que não existem no português. P.C. Souza observa que a língua alemã permite que se criem palavras novas através de justaposições (palavras compostas)<sup>(9)</sup>. Todo escritor alemão inventa palavras, mas Freud tem talento especial para isso: suas criações são poéticas, precisas, preciosas e de extremo bom gosto. A língua alemã possui uma gama de tempos e modos verbais mais ampla que o português, e Freud aproveita essa riqueza para expressar-se com todas as nuances que lhe for possível.

**F**reud não gostava de definições rígidas e constritivas. Usava termos do dia-a-dia e palavras simples.

Mahony nota que a frase de Freud transita entre “níveis de certeza” diferentes, e há indicadores ao longo do texto sobre o nível de certeza em que encontra: “definitivamente”, “provavelmente”, etc. O leitor é levado a deslocar-se sem esforço de um nível a outro, acompanhando a flexibilidade do pensamento freudiano e a tolerância em relação ao incerto. Parodiando essa noção, podemos dizer que o texto transita entre diferentes “níveis de tempo”. Freud se move numa rede complexa de passado, presente e futuro existente dentro de variados estratos espaciais: a história dos pacientes, o seu pensamento, a produção do texto, etc.

Tudo no texto freudiano é movimento. E não só o movimento que existe de um texto para outro, com ampliações e modificações concei-

tuais e com temas retomados cada vez numa ótica diferente — também há movimento dentro de cada texto. Uma idéia é lançada, mas nunca é desenvolvida linearmente; muitas vezes Freud pede que o leitor retenha uma idéia para elaboração posterior e parte para o desenvolvimento de outra idéia, ou faz um pequeno passeio por outros temas, que apenas tangenciam a idéia central. Depois pode voltar para a idéia inicial, retomando-a sob nova luz, ou ainda pode antecipar idéias de que se ocupará mais tarde. O texto vai e volta, amplia-se e afunila-se sem cessar.

Outra marca de Freud é o uso de provérbios e citações literárias, principalmente de Goethe e Shakespeare, que o tocavam de maneira especial. E para completar o efeito poético obtido há um número enorme de metáforas, analogias, paralelos e modelos para ilustrar seu pensamento. Suas imagens são trazidas da física, química, pintura, religião, medicina, política, história, culinária, arqueologia, guerra, direito. São recursos usados para elucidar suas teorias, que têm o efeito de estimular a imaginação do leitor e oferecer uma compreensão subjetiva da experiência. Mas essa linguagem figurada não é usada apenas para tornar a exposição mais atraente. Na verdade é a única linguagem possível quando se trata de descrever processos psíquicos. Gay afirma: “Como seus materiais são íntimos, ocultos, difíceis de definir e impossíveis de qualificar, a psicanálise precisa de analogias, de imagens mentais. Podem ser inexatas, mas são indispensáveis”<sup>(4)</sup>.

Para concluir eu diria que a Psicanálise só pode ser exposta em toda sua riqueza e especificidade através de um estilo de escrita como o de Freud. Seu texto é pensamento em processo, tem movimento, tem muitos níveis de certeza e de tempo que se confundem, é indagativo, metafórico... Enfim, é como a própria Psicanálise. Ler Freud com atenção voltada ao estilo de escrita é um dos caminhos pelos quais se pode chegar à compreensão da natureza específica da Psicanálise.

Uma questão a ser deixada em aberto neste ponto é o quanto o estilo da fala do analista pode ter em comum com o estilo da escrita de Freud.



II. O escritor Thomas Mann considera *Totem e Tabu* como um dos melhores ensaios escritos na língua alemã. O próprio Freud, ao terminar o texto, escreveu numa carta que era sua melhor e maior obra. Podemos dizer que a alta qualidade estilística do texto é consequência direta do forte significado teórico e emocional que esta obra tinha para Freud, significado que fez com que ele se empenhasse a fundo em sua elaboração, vivendo um dos períodos mais produtivos de sua vida. Passou muitos meses revendo toda a literatura especializada e quase dois anos escrevendo os quatro ensaios. Nas suas cartas, mostrava-se ora eufórico, ora inseguro, mas sempre apaixonadamente envolvido com o trabalho. Sabia que as idéias que estava propondo poderiam provocar muita indignação e tinha isso em mente ao escrever.

*Totem e Tabu* adquiriu tal importância para Freud porque foi um momento especial no desenvolvimento de suas teorizações (a universalidade do Complexo do Édipo, o papel do pai na construção do psiquismo, o surgimento da religião, etc.), além de ter um significado para sua vida pessoal (elaboração de seu próprio complexo paterno) e para o movimento psicanalítico (o texto era uma arma na briga com Jung). Mahony observa que, ao falar de parricídio, fraticídio e filicídio, Freud não estava apenas expondo uma teoria sobre crianças, neuróticos e selvagens, mas estava também pensando e elaborando o que ele próprio estava vivendo (sua posição de pai diante dos discípulos, a ruptura com o “filho” Jung, etc). Freud só pôde escrever um texto desse quilate porque estava profunda e vivencialmente ligado ao que estava produzindo.

Totem e Tabu. Duas palavras, com duas sílabas cada e a repetição do fonema “T”, criam um efeito sonoro e estético que dá força ao título. Até aqui nenhuma indicação de que se trata de um texto de Psicanálise. Poderia ser um romance ou um estudo antropológico. As palavras podem estar colocadas no sentido literal ou metafórico. O leitor já começa a associar...

Já o subtítulo — Alguns aspectos comuns entre a vida mental do ho-

mem primitivo e do neurótico — interrompe as associações e enuncia claramente o conteúdo do texto. Não há uma preocupação estética, e o tom é mais científico, menos literário.

Esta polaridade entre o título e o subtítulo, entre um tom literário e um tom científico, revela um conflito vivido pelo próprio Freud. Ele tinha um talento natural para escrever poeticamente, mas procurava agregar a seu estilo um tom científico que pudesse dar mais credibilidade a suas idéias.

No Prólogo de 1913 <sup>(2)</sup> já aparecem as marcas do estilo próprio de Freud que se vão repetir ao longo

**T**homas Mann considera “Totem e Tabu” um dos melhores ensaios escritos na língua alemã.

de todo o texto. Escreve que os quatro ensaios são uma “primeira tentativa” de aplicar o ponto de vista psicanalítico a problemas de psicologia social. E mais adiante: “estoy plenamente consciente de las deficiencias de estos estudios” (pg 1.745). O tom é de modéstia e tolerância em relação ao conhecimento incompleto. Freud não esconde seus limites; pelo contrário, ele os expõe abertamente e isso dá ao leitor a sensação de dignidade. O que poderia ser uma fragilidade torna-se força e atrai a confiança dos leitores.

O verbo usado na primeira pessoa (eu), ao lado de expressões como “me adelanto en” confesar” (pg 1.745), revela um escritor disposto a se expor aberta e intimamente. E a figura do leitor não tarda a aparecer: “(os ensaios) están orientados

a despertar el interés de un amplio círculo de lectores ilustrados, pero en verdad, no podrán ser comprendidos y apreciados excepto por aquellos pocos que ya no son extraños a la naturaleza esencial del psicoanálisis” (pg 1.745). Freud endereça seus textos para o leitor e indica que pretende atingi-lo cognitivamente (“compreendidos”) e afetivamente (“apreciados”).

Ao afirmar que seus ensaios têm deficiências, o escritor acrescenta uma “palavra aclaratoria” (pg 1.745) sobre elas, desarmando eventuais críticas que possa receber. E com muita sutileza desautoriza comentários negativos vindos de leigos (os não iniciados na “naturaleza esencial del psicoanálisis”).

A dimensão temporal permeia o texto. Freud sabe que o pensamento tem uma história. “Confessa” que os trabalhos de Jung e Wundt (passado) foram estímulos para seus ensaios (presente) e abre a porta para uma “cooperación ocasional”, benéfica para a investigação, entre psicanalistas e outros estudiosos (futuro).

A primeira das inúmeras analogias já aparece: os tabus, em sua natureza psicológica, não diferem do imperativo categórico de Kant.

O prólogo termina com a observação de que “si al final resulta que estas hipótesis ofrecen una apariencia de algo muy improbable, no sería un argumento en contra de la posibilidad que se acercan bastante próximas a la realidad que resulta tan difícil de reconstruir” (pg. 1.746). Freud antecipa um possível descrédito por parte do leitor, reconhece a imperfeição de suas hipóteses, mas imediatamente reafirma o valor delas e pede implicitamente um crédito de confiança para o que diz.

O Prólogo à Edição Hebraica (1930) é bem mais confessional. Freud fala sobre seus sentimentos em relação ao judaísmo e diz que está afastado da religião paterna, o que não deixa de ser interessante quando pensamos que o texto trata de parricídio. O tom é mais emocional se comparado ao primeiro prólogo e há até um momento fortemente poético. Freud simula um diálogo em que lhe perguntam o que ele tem de judeu. “Todavía muchas cosas; quizá todo lo principal.



Mas por agora seria imposible captar esto, lo esencial, con claras palabras” (pg 1.746).

No início do Ensaio I, Freud escreve: “estableciendo una comparación entre la psicología de los pueblos primitivos... y la del neurótico, tal y como surge de las investigaciones psicoanalíticas, descubriremos entre ambas numerosos rasgos comunes...” (pg 1.747). Aqui Freud introduz uma comparação que será fundamental ao longo de todo o texto e será retomada em vários momentos diferentes, cada vez numa ótica diversa: a comparação entre os selvagens, os neuróticos e as crianças.

Freud começa dizendo que vai fazer uma comparação e já antecipa o resultado: “descubriremos rasgos comunes”. O movimento seguinte é um passo atrás: ele passará a mostrar o caminho que percorreu até chegar a essa descoberta. Esse tipo de antecipação é uma técnica que Freud usa e é semelhante, na observação de Mahony, ao recurso às idéias antecipatórias usadas com pacientes. Freud usava uma analogia para ilustrar tal recurso. “Se eu disser para você: olhe para o céu, há um balão!, você o descobrirá muito mais facilmente do que se eu simplesmente disser: olhe para o céu e veja se você pode ver alguma coisa” (tradução minha da citação feita por Mahony). No texto Freud já disse que há traços em comum, então faremos a leitura do material apresentado em busca deles.

O texto segue com a descrição dos aborígenes da Austrália e seus costumes; o totem é definido e há comentários sobre proibição do incesto e exogamia. Tudo num estilo leve, agradável de ler. A intenção agora é a de expor uma quantidade grande de informação para que o leitor possa depois seguir o raciocínio do autor. A segunda nota de rodapé afirma: “el sucinto resumen que antecede, del sistema totémico, exige algunas aclaraciones y reservas” (pg 1.748-nota 1080). Depois de qualquer afirmação mais contundente Freud geralmente faz uma pausa na exposição e insere explicações e esclarecimentos, ora ressaltas e limitações para suas idéias. A intenção é evitar malentendidos e continuar contando com a confiança do

leitor. Mahony comenta que *Totem e Tabu* é um texto essencialmente argumentativo — traço que o distingue de outros trabalhos de Freud — e suas características mais marcantes são um controle firme da retórica, uma intenção persuasiva e uma ligação intensa com o leitor.

“Vamos a señalar ahora aquella particularidad del sistema totémico por la que el mismo interesa más especialmente al psicoanalítico” — (pg 1.748). “Pero volvamos a las otras categorías...” (pg 1.772) “Esta objeción parece, en efecto, naturalísima... Más tarde nos ocuparemos de ella, limitándonos aquí a...” (pg 1.771). Freud constantemente orien-

**D**epois de qualquer afirmação mais contundente, Freud faz uma pausa e insere explicações

ta seu leitor: diz o tema de que se ocupará, mostra o caminho que vai seguir, destaca os pontos em que o leitor deve se deter, avisa quando vai deixar uma idéia de lado, faz resumos e recapitulações do que já foi dito, antecipa pontos que desenvolverá mais adiante. Quase todo capítulo começa e termina com uma orientação ao leitor. O texto tem uma massa enorme de material antropológico, além de múltiplos estratos espaciais e temporais — para que o leitor não se perca e possa seguir passo a passo o seu pensamento, Freud precisa orientá-lo a todo momento.

Depois de apresentar o totemismo e a exogamia, Freud conclui que há um enlace sólido entre eles, se bem que não sabe (ainda) se tal enlace é profundo ou superficial (pg 1.749). Está no início da reflexão e caminha devagar. Não afirma nada

de bombástico, vai expondo e pensando pouco a pouco. Pensamento em ação, “pensamento pensante”. Tolerância o conhecimento incompleto, as dúvidas. O importante é trazer o leitor para perto de si, orientá-lo para que ele possa seguir seu raciocínio e chegar às mesmas conclusões. Este fica enredado, envolvido — é impossível não participar do texto. Mas o escritor deixa uma margem de liberdade: ao apresentar a massa de informações e exemplos, permite que o leitor faça as suas próprias associações e descobertas. Acima de tudo, Freud é hábil, diplomático. Ele sabe aonde quer chegar, mas sabe também que se não preparar o terreno para sua hipótese principal será duramente rejeitado. E assim, paciente e humildemente, vai conduzindo o leitor até que este não possa senão aceitar suas teorias e sair com a sensação de que participou de sua construção.

“Como ha llegado a ser reemplazada la familia verdadera por el grupo totémico? Es éste un enigma cuya solución obtendremos quizá una vez que hayamos llegado a comprender íntimamente la naturaleza del totem” (pg 1.705). Trata-se de um enigma, há um desafio a ser vencido, Freud é o detetive, o clima é de suspense, e o leitor pode se envolver e sentir o prazer de pensar e descobrir.

Freud fez um estudo bibliográfico exaustivo, e isso aparece no texto: há inúmeras citações e resumos de muitas obras, o que não é comum em seus textos. Freud cita, comenta e depois traz a sua visão sobre o assunto. Por mais desinteressante que fosse (ele escreveu numa carta que estava lendo sem interesse porque já sabia as conclusões) este trabalho era necessário. Ele precisava mostrar que conhecia a fundo o terreno onde estava começando a pisar para prevenir possíveis críticas. “El fin que en el presente ensayo perseguimos nos obliga a estudiar más detenidamente los caracteres del totemismo” (pg 1.811).

No final do *Ensaio I* Freud fala da relação entre sogra e genro e introduz a noção de ambivalência. Desde momento até o final do *Ensaio IV*, o conceito vai ser retomado várias vezes, e cada vez com um significado mais forte emocionalmen-



te. Ambivalência entre sogra e genro, ambivalência em relação a respear ou violar o tabu, ambivalência do selvagem em relação ao inimigo e, finalmente, ambivalência em relação ao pai, envolvendo o desejo de matá-lo. É interessante como Freud chega por aproximações sucessivas ao conceito final, como se usasse uma lente zoom. Sabia que, se introduzisse o desejo de matar o pai logo no início, poderia ser criticado. Este “efeito zoom” dá um movimento especial ao texto.

No último parágrafo do *Ensaio I*, Freud diz que sua concepção do papel do incesto na neurose tropeça com a incredulidade geral dos homens adultos e normais. E acrescenta que esta resistência vem da profunda aversão que o homem sente em relação a seus desejos incestuosos de épocas anteriores, reprimidos atualmente. Freud detecta e explica psicanaliticamente a resistência em relação a suas idéias. Com esse artifício ele elegantemente procura dissolver as resistências do leitor.

Se a ruptura com Jung permeia o texto, é significativo o fato de Freud citar contribuições de Otto Rank e Fereczki, os discípulos que não o traíram.

E, como não poderia deixar de ser, há duas citações de Goethe (pg 1.849 e 1.850) duas de Shakespeare (pgs 1.801 e 1.846) e uma de Shopenhauer (pg 1.802).

No *Ensaio II* Freud começa com a descrição e definição de tabu e acrescenta: “creo adivinar la impresión de mis lectores, suponiendo que después de haber leído estas citas no se encuentran más instruidos que antes sobre la naturaleza del tabú...” (pg 1.760). Freud é sensível e capta possíveis sentimentos e impressões do leitor. “...creo interpretar el sentimiento general de mis lectores manifestándose defraudado por estas explicaciones de Wundt” (pg 1.762).

Duas novas analogias são apresentadas. O tabu é análogo às proibições obsessivas dos neuróticos. Ao fazer uma ressalva em relação a essa analogia, Freud traz uma outra (pg 1.764). A analogia entre tabu e obsessão pode ser puramente exterior, diz ele. A natureza se serve de formas iguais em conexões biológicas muito diferentes: alguns corais,

plantas, cristais e precipitados químicos. Freud afirma e depois faz ressalvas, o texto vai e volta e é iluminado pela imagem de corais, cristais e plantas.

Em sua escrita Freud se desloca continuamente entre diferentes níveis de espaço e de tempo. O tom afetivo de seu discurso, assim como a reação emocional do leitor, também oscilam sem parar. O texto tem movimento. Há os selvagens e nós mesmos, as crianças e os adultos, os neuróticos e os normais, os leitores e o escritor. Mecanismo psíquico da neurose obsessiva e da paranóia, desenvolvimento da libido, narcisismo, projeção, complexo de Édipo, ambivalência, onipotência das

**E**m sua escrita,  
Freud se desloca  
continuamente entre  
diferentes níveis de  
espaço e de tempo.

idéias, mecanismo dos sonhos, Pequeno Hans e Homem dos Ratos. O passado, o presente e o futuro. O pensamento de Freud, os dos autores anteriores a ele e os pensadores do futuro. Freud vai e volta, antecipa e recapitula, afirma e faz ressalvas, pergunta e responde, expõe e dialoga com o leitor. Leveza na apresentação dos exemplos e concentração nas reflexões profundas. Humildade e convicção. As idéias principais e as tangenciais, o que é pensado agora e o que deve ficar em suspenso para elaboração posterior. Discurso e metadiscurso. Temas que levam a outros temas, que levam a outros... Mahony diz que Freud tem um talento especial para orquestração.

Na abertura do capítulo III do *Ensaio II*, Freud diz que poderia seguir dois caminhos de investigação. Opta por um deles e justifica sua opção trazendo uma série de argumentos. Num determinado momento a cami-

nhada é interrompida: “por qué la actitud afectiva hacia el soberano comporta un elemento tan poderoso de hostilidad inconsciente? La interrogación es muy interesante, pero su solución irá más allá de los límites de este trabajo” (pg 1.780). Muitas questões ficam em aberto, mas o fato de uma questão não ter resposta não a impede de ser incluída no texto — mais um espaço para as reflexões pessoais dos leitores.

Novas comparações — marca registrada de Freud — são trazidas. A histeria é uma obra de arte deformada, a neurose obsessiva é uma religião deformada e a paranóia é um sistema filosófico deformado (pg — 1.794). E no *Ensaio III* surge o paralelo entre o desenvolvimento da concepção humana do mundo e o da libido individual: fase animista — narcisismo, fase religiosa — escolha de objeto com fixação da libido nos pais e fase científica — escolha de objeto do mundo exterior (pg — 1.804).

No *Ensaio IV* Freud prepara o terreno dizendo: “...nos vemos obligados a suplir con hipótesis las lagunas que la observación directa ha de presentar” (pg 1.816). Depois de fazer uma análise das teorias existentes sobre totetismo e exogamia, refuta todas elas e fecha o capítulo II dizendo que não conseguiu chegar a nada. A primeira frase do capítulo III é firme: “Sólo el Psicoanálisis proyecta alguna luz sobre estas tinieblas” (pg 1.828). Aqui o tom não é de humildade. Freud mostra-se extremamente convicto do valor de seu instrumento. Nesse momento não há ressalvas, só o impacto da certeza. A metáfora luz-trevas dá o toque poético.

A conclusão de que o animal totemico é um substituto do pai (“Basándonos en estas observaciones nos creemos autorizados para...” (pg 1.831) é fundamental para a hipótese do assassinato do pai que virá a seguir. São afirmações bombásticas e passíveis de suscitar muita indignação. Só que Freud foi conduzindo habilmente o leitor até aqui e a este só resta chegar à mesma conclusão.

O capítulo IV produz um corte na sequência e traz um tema novo e aparentemente desvinculado do tema anterior: a refeição totêmica.



Freud não explica nada, apenas descreve. Agora o leitor não está pensando junto com o escritor; Freud toma a dianteira, e o outro deve segui-lo e esperar o resultado. O clima é de suspense. No capítulo V, Freud volta a orientar o leitor: reuniremos os dados anteriores e chegaremos a uma "hipótesis que puede parecer fantástica" (pg 1.838). Tão fantástica que Freud coloca duas notas de rodapé, uma remetendo à outra (notas 1.253 e 1.254 — pg 1.838), com explicações e observações "para la acertada inteligencia de la exposición". A hipótese da horda primitiva é apresentada na forma de uma "historinha" e é o "gran finale" de todo um longo e árduo caminho percorrido desde o início do texto. Mas Freud ainda tem mais a dizer. Visita a Mitologia (cap VI) e a tragédia grega (cap VII) antes de se encaminhar para o fim do texto.

A obra termina com as ressalvas usuais: "no nos ocultamos en modo alguno las incertidumbres..." (pg 1.848), "estos dos problemas no han recibido aún solución satisfactoria..." (pg 1.848), "... sin pretender cerrar aquí con una conclusión definitiva..." (pg 1.850). Na verdade o texto não termina, fica aberto em direção ao futuro.

A citação de Goethe, última frase do texto ("no princípio era o ato"), é o acorde final da sinfonia. Agora só nos resta aplaudir de pé. ■

### Bibliografia

- (1) Carone, M. e Souza, P.C. — *A Edição brasileira de Freud*, in Souza, P.C. (org) — *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*, Ed. Brasiliense, SP, 1989.
- (2) Freud, S. — *Totem e Tabu* (1913), in *Obras Completas* — tomo II, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- (3) Gay, P. — *Freud: uma vida para nosso tempo*, Companhia das Letras, SP, 1989.
- (4) Gay, P. — *Sigmund Freud: um alemão e seus dissabores* (seção: Estilo de um cientista), in Souza, P.C. (org) — *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*, Ed. Brasiliense, SP, 1989.
- (5) Jones, E. — *Vida e Obra de Sigmund Freud* (resumo), Ed. Zahar, RJ, 1975.
- (6) Mahony, P.J. — *Freud as writer*, Yale University Press, New Haven, 1987.
- (7) Mahony, P.J. — *On Defining Freud's Discourse*, Yale University Press, New Haven, 1989.
- (8) Mezan, R. — *Freud, pensador da cultura*, Ed. Brasiliense, SP, 1985.
- (9) Souza, P.C. — *Freud como Escritor*, Folha de S.Paulo, suplemento Letras, 23/09/1989.